



UM POEMA CRIMINOLÓGICO

Alanna Siqueira Simonetti Oliveira

Graduanda em Direito pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

Márcia de Fátima Leal Bezerra

Graduanda em Direito pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

Os poemas comumente

Eles falam de amor

Esse, curiosamente

Vai trazer algo que lembra dor

De crime todo mundo

Já ouviu falar

De criminologia...

Nem todos... vamos agora explicar!

Esse estudo é interessante!

Tenta explicar os delitos...

Mas nem sempre se fazem entender...

Tem uns pensamentos esquisitos...

Começando pelas bruxas

Que são de assustar!

A criminologia demonóloga, no século XV,

As enfatiza sem parar!

Tem como marco

O seu “Martelo”

Que tenta ferir

Tudo que não é “belo”!

Na Europa do século XVIII

Temos o grito de Spee

Que se insurge contra a Inquisição

Querendo ver mais gente sorrir

Não podemos esquecer-nos

Do grande Beccaria

E “Dos Delitos e das Penas”

Que até hoje se aprecia!

No século XIX

O Positivismo se impõe

Lombroso, Garófalo e Ferri

Vêm dizer o que propõem

Para Lombroso o criminoso é nato

Como ele não tem igual

Já Ferri traz de delinquentes cinco tipos

Finalizando com o passional

Vem aí a Escola de Chicago

Com sua ecologia criminal

Enfatizando o ambiente urbano

E esquecendo um pouco do rural

A teoria americana supera

O modelo individual

É empírica, analisa espaços

E a mobilidade usual

Agora vamos trazer

Uma criminologia diferente

Falaremos sobre subcultura

Que abarca os delinquentes

Esses indivíduos não atingem

Os padrões de sucesso social

Terminam por criar seus valores

E agir um pouco mal

Agora vamos falar

Sobre um teórico interessante

Sutherland é o nome dele

E foi muito importante!

Ele explicou

O que ninguém explica:

Os crimes dos poderosos

Como é que fica?

Assim a criminologia

Como um tapete tecido

De ideias, traços, correntes

Sobre opressor e oprimido

Se firma como ciência

Ao reunir a abrangência

De tudo quanto é delito

São perguntas sem respostas

E reflexões sem fim

Não há como se escolher

Qual é a boa ou a ruim

Cada uma em seu tempo
Escritas no entendimento
De quem pesquisou enfim

O que não pode haver
É o mesmo preconceito
Que criou magos e bruxas
Fez perecer o direito
Torturas, atos insanos
Contra os direitos humanos
Nisso é preciso respeito!

Não se conhece a contento
Quem foi enfim que acertou
Se Rousseau no seu Contrato
Se a crítica de Foucault
Garófalo e seu delinquente
Tudo aí é pertencente
À época em que se criou

Mas para decidir o futuro
Do sistema criminal
E da ciência descrita
No poema atual
Damos as mãos ao passado
Espalhamos na mesa os dados
E vamos para o final

Porque prisão não é só para o pobre
Habitar como indigente
Um Galeano tão crítico
Nos alerta no presente

| Revista Transgressões: ciências criminais em debate, v. 8, n. 2, dezembro de 2020

Só nos cabe pesquisar

Para quem sabe inaugurar

No estudo uma nova corrente.